

# Nelson Álvares Cruz e sua contribuição à Otorrinolaringologia

Nelson Álvares Cruz Filho

Em fevereiro de 2005, completaram-se cinco anos do passamento do professor Nelson Álvares Cruz. Nosso escopo é mostrar a sua trajetória e destacar a sua tenacidade e contribuição à Otorrinolaringologia.

Nelson Álvares Cruz nasceu no Rio de Janeiro, em 1921. Na infância, mudou-se para São Paulo, onde concluiu o curso primário e fez o primeiro ciclo do secundário no Liceu Franco-Brasileiro, destacando-se como primeiro ou segundo aluno da classe. Em virtude de dificuldade financeira e por orientação paterna, optou pelo curso de Direito, para poder trabalhar um período do dia. Fez o curso pré-jurídico no colégio São Bento e ingressou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco (USP), da qual se afastou no primeiro ano para se concentrar na sua verdadeira vocação, a Medicina.

Ingressou, em 1943, na Escola Paulista de Medicina (EPM) e se diplomou médico em 1948. Foi o primeiro orador do Centro Acadêmico Pereira Barreto. Durante todo o período de faculdade, trabalhou dando aulas em um ginásio estadual à noite para poder se sustentar.

No início do quinto ano, conheceu Jorge Fairbanks Barbosa, tendo esta-

giado e aprendido com ele as bases da Otorrinolaringologia. Trabalhou com José Eugênio de Paula Assis, chefe da Clínica Otorrinolaringológica do hospital N. S. Aparecida e da Casa de Saúde Matarazzo – de 1950 a 1954.

Foi assistente extranumerário da disciplina de Otorrinolaringologia da EPM, da qual se afastou em 1952 para se dedicar à Bolsa de Estudos na França, outorgada pela sociedade dos Liceus Franco-Brasileiros.

Em Paris, estagiou com os professores Maurice Aubry e Paul Pialoux, otoneurologistas de renome internacional. As atividades hospitalares em Paris começavam por volta das nove horas. Para aproveitar melhor o seu tempo, estagiou com J. Leroux-Robert, da Fondation Curie, pois esse eminente laringologista iniciava suas cirurgias às cinco horas da manhã, possibilitando conciliar esse estágio com o outro que começava mais tarde.

Em 1953, de volta ao Brasil, foi contratado como professor assistente de Otorrinolaringologia da EPM (serviço do professor Paulo Mangabeira Albernaz) e como primeiro titular do serviço de Cirurgia de Cabeça e Pescoço do Instituto Central de Comba-



te ao Câncer – Fundação Antônio Prudente (Hospital A. C. Camargo).

Na EPM, foi o responsável pelo setor de Otoneurologia, tendo formado vários discípulos nesta área. Foi um dos pioneiros da Otoneurologia no Brasil, tendo ministrado cursos em vários estados. Contribuiu de forma significativa para tornar o setor de La-

birintologia da EPM o mais importante e respeitado do País.

No hospital A. C. Camargo, com os conhecimentos adquiridos na França, contribuiu para o desenvolvimento da cirurgia oncológica cervico-facial. Permaneceu 11 anos nesse hospital. O chefe do Departamento de Cabeça e Pescoço era Jorge Fairbanks Barbosa e, neste período, esse serviço obteve grande prestígio, devido ao grande número de publicações no Brasil e no exterior e ao importante trabalho desenvolvido por eles e por outros que foram integrando a equipe.

Em 1961, obteve uma Bolsa de Estudos do Governo Francês. Nessa segunda Bolsa, estagiou em Otologia na Faculdade de Medicina de Bordeaux, com os professores Georges e Michel Portmann, de quem se tornou amigo.

Quando retornou à EPM, passou a desenvolver a Otologia, tendo recebido muitos médicos de vários estados, e mesmo do exterior, para estágio em cirurgia otológica no hospital São Paulo, no qual passavam um período de um a dois anos ou mais. Nesse setor, dirigido por ele, eram atendidos cerca de quinhentos pacientes por mês e operados oito por semana com afecções otológicas. É importante lembrar que, no início dessa época, poucos médicos operavam ouvido em nosso meio. Muitos desses ex-alunos se destacaram como otologistas ou otoneurologistas. Alguns deles tornaram-se mais próximos, em determinado período da vida, do convívio familiar do professor, como Samir Cahali, Maurício M. Ganança, Nicodemos A. Souza, Humberto A. Guimarães, Pedro V. Lôbo, Carlos Augusto Anadão, Clemente B. Vieira e José Evandro P. de Aquino.

Em 1966, fez concurso de Livredocência na EPM, com tese sobre carcinomas da laringe, que foi citada no *The Centennial Conference on Laryngeal Cancer*, em 1974, em Toronto, como uma das mais importantes contribuições da América do Sul nessa área.

No ano seguinte, foi contratado para exercer as funções de professor titular de Otorrinolaringologia na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, na qual ficou até 1971 organizou o serviço de Otorrinolaringologia nessa faculdade. Em julho de 2004, tivemos a honra de ir a essa escola, a convite do professor José Antonio A. de Oliveira, que foi seu assistente e que foi por ele indicado e contratado para essa disciplina, para receber, em solenidade, uma homenagem póstuma pelos serviços relevantes prestados pelo professor Nelson Cruz à referida instituição. Foi professor titular de ORL da Faculdade de Ciências Médicas de Santos – de 1972 a 1974. Em 1973, tornou-se professor titular de ORL da Faculdade de Medicina do ABC, na qual permaneceu até 1999. Em 1978, foi aprovado em concurso para professor titular de ORL da EPM.

Recebeu duas vezes o prêmio Mário Ottoni de Rezende (1955 e 1957), outorgado pela Associação Paulista de Medicina. Foi laureado pela comissão científica da APM por ter se distinguido em suas atividades como presidente do Departamento de ORL, o qual dirigiu em 1959. Conquistou, em 1978, o prêmio Alejandro Del Rio, conferido pela Confederação Latino-Americana de Otorrinolaringologia; também foi julgado na Argentina, ao melhor trabalho científico publicado em revistas latino-americanas nos três anos progressos. Em 1979, ganhou o prêmio Eduardo de Moraes, da Academia Nacional de Medicina, com trabalho sobre tumores malignos das orelhas externa e média. Fez conferências sobre este tema em Paris, elogiadas por vários professores franceses.

Foi condecorado pelo Ministério da Educação da França, em 1981, com o título de *Chevalier des Palmes Académiques*. Foi membro emérito da Academia de Medicina de São Paulo, vice-presidente da Sociedade de Otologia (1974-1977) e presidente da Sociedade Brasileira de Otorrinolaringologia (1986-1988).

Tinha o temperamento forte e inquieto e era ávido por novos conhecimentos. Sempre foi muito estudioso e cultivou o hábito de estudar regularmente até os 70 anos ou pouco mais, o que fazia por diletantismo. Consagrou-se em nosso meio como um especialista com domínio sobre toda a especialidade. Tinha uma inteligência privilegiada. Georges Guillén e Jean Marc Sterkers, dois expoentes da ORL francesa, comentaram sobre essa sua virtude. Este último dizia que ele tinha o olhar penetrante e que estava a par de tudo que surgia de novo na especialidade. Além disso, teve um papel importante na divulgação da ORL brasileira no exterior.

Numa ocasião, na Reunião da Sociedade de Otologia em Recife, foi convidado, na hora, para participar de uma mesa-redonda de Otoneurologia – composta pelos professores Michel Portmann, da França, Ugo Fisch, da Suíça, Claus Claussen, da Alemanha, e Rudolf Lang, do Brasil –, pelo fato de um componente da referida mesa-redonda ter faltado. Aceitou o convite, tendo tido uma participação brilhante.

Sempre incentivou os médicos que trabalharam com ele, indicando-os para falar em cursos e congressos. Graças à sua influência, muitos foram se aprimorar no exterior. Foi um grande divulgador da escola francesa, em particular a de Bordeaux. Tinha uma preocupação enorme com os pacientes e planejava, cuidadosamente, suas cirurgias. Era extremamente meticuloso e buscava a perfeição em tudo o que fazia. A sua produção científica merece todo o crédito pela exatidão dos dados e rigor científico. A honestidade era uma característica marcante do seu caráter. Nunca se deixou abater, por maiores que fossem as dificuldades, e agigantava-se diante dos desafios, deixando-nos um exemplo de vida e de dedicação à Medicina.

# Inventaram o avião

Josar C. Ribeiro da Silva

Quando você vê cortar os céus um avião enorme, que transporta mais de 250 passageiros a bordo e cruza o Atlântico sem escalas, indo de São Paulo a Paris, lembre-se que isto se deve a um gênio brasileiro. Foi o gênio brasileiro, mineiro de Cabangu, Alberto Santos Dumont, que – no dia 23 de outubro de 1906, às 16 horas e 45 minutos, nos campos de Bagatelle, em Paris, diante de uma Comissão de Aviação – realizou com sucesso o primeiro vôo mecâ-



Brasil – o livro dos 500 anos. Barcelona/Buenos Aires, Editora Abril/Caras, 1996.

nico com uma máquina mais pesada que o ar, o seu 14 Bis, o qual, correndo sobre rodas com seus próprios meios, conseguiu elevar-se do solo percorrendo uma distância de 60 metros, a uma altitude média de 2,5 metros, e pouando sem dificuldades mais adiante. Estava inventado o avião.

O dia 23 de outubro de 1906 pertence ao minuto histórico da Aviação!

Menos de um mês após o primeiro vôo, em 12 de novembro, também em Bagatelle, Santos Dumont estabeleceu o primeiro recorde mundial de aviação, voando a distância de 220 metros, durante 21 segundos, a seis metros de altitude.

Este fato está perpetuado em um monumento erigido em 1910, nesta localidade, pelo governo francês. É o “Marco de Bagatelle”. E, em 1913, também em Paris, em

uma praça que leva seu nome – a Praça Santos Dumont –, foi inaugurado o monumento “O Ícaro de Saint Claude”.

A tecnologia e a aerodinâmica tiveram, de maneira obsessiva, um desenvolvimento extraordinário no século XX. O avião transformou a mentalidade e o cotidiano do Homem, encurtando distâncias, exigindo novos com-

portamentos do relacionamento social. De fato, o avião mudou o mundo sob todos os aspectos!

Pai da aviação e cidadão do mundo, Alberto Santos Dumont é, hoje, Marechal do Ar e Patrono da Aeronáutica no Brasil. Neste ano de 2006, por ocasião de seu centenário, o avião será festejado, e seu inventor deverá ser lembrado em todos os municípios do Brasil por meio de palestras e outras homenagens, assim espera a Aeronáutica.

E você, que vive esses momentos versáteis, faça como nós, homenageie este genial brasileiro que deu asas ao mundo e pôs seus inventos a serviço da Humanidade. Parabéns Santos Dumont!

Josar C. Ribeiro da Silva  
Brigadeiro, acadêmico e médico

# O Viajante e o Poeta

Affonso Renato Meira

Tudo começou quando, um dia, minha mulher e eu resolvemos visitar o Maranhão. Trocar a frieza da Paulicéia pela quentura do Nordeste. O galope da cidade grande pelo passeio a trote do interior. Fugir da trepidação da metrópole e ir ao encontro da placidez de vilarejos. Conhecer a terra que um dia Gonçalves Dias exaltou. Afinal, é a terra das palmeiras, dos sabiás, dos timbiras e dos tupis. Lá viveram os piagas que procuravam aplacar os males da vida, misturando as orações com os cataplasmas, cantando o médico e o sacerdote. “*Falam os Deuses nos cantos do Piaga*”, e esses cantos todos devem ouvir.

Pensei no “*homem que vive agro viver de corte, indiferente olhar derrama a custo sobre os fulgores teus*”; lembrei, também, “*e quem – oh tão feliz! – quem tão peregrino sobre a terra não foi?*” Se diz isso o poeta, não restava outra outra alternativa senão partir.

E chegar, chegar à noite que é bela – “*oh quando sobre a terra ela se estende, como em praia arenosa mansa vaga*”; São Luiz “*enfim te vejo*”, te vejo de dentro de uma moderna aeronave que aterrissou para se aproximar de um aeroporto que, com seus tentáculos, vai buscar os passageiros. Moderno, nem grande nem pequeno, o aeroporto é suficiente.

Aeroporto, hotel, recepção, número de apartamento, ficha assinada.

No dia seguinte, café da manhã já tomado, e comido, saímos em direção ao centro. Preferimos o ônibus ao táxi, para poder conhecer melhor o povo.

Dez minutos depois, já no ônibus, algumas surpresas. Na boléia, não do

motorista, mas do cobrador, estava uma moça, morena, cujo nome desejei perguntar, mas não tive coragem – nem a ela dizer que “*seus olhos tão negros, tão belos, tão puros, de vivo luzir, estrelas incertas, que as águas dormentes do mar vão ferir*” –, recebendo as passagens, com uma muleta substituindo uma perna perdida, não sei como, pois não tive a oportunidade de com ela conversar. Em vez de estar em uma cadeira de rodas, empurrada a pedir esmolas, trabalhava como funcionária da companhia de transportes. Da janela vi um aceno, não era ponto de parada, mas o motorista freou, respondendo ao sinal de um homem. Chamei a atenção de minha mulher para o fato.

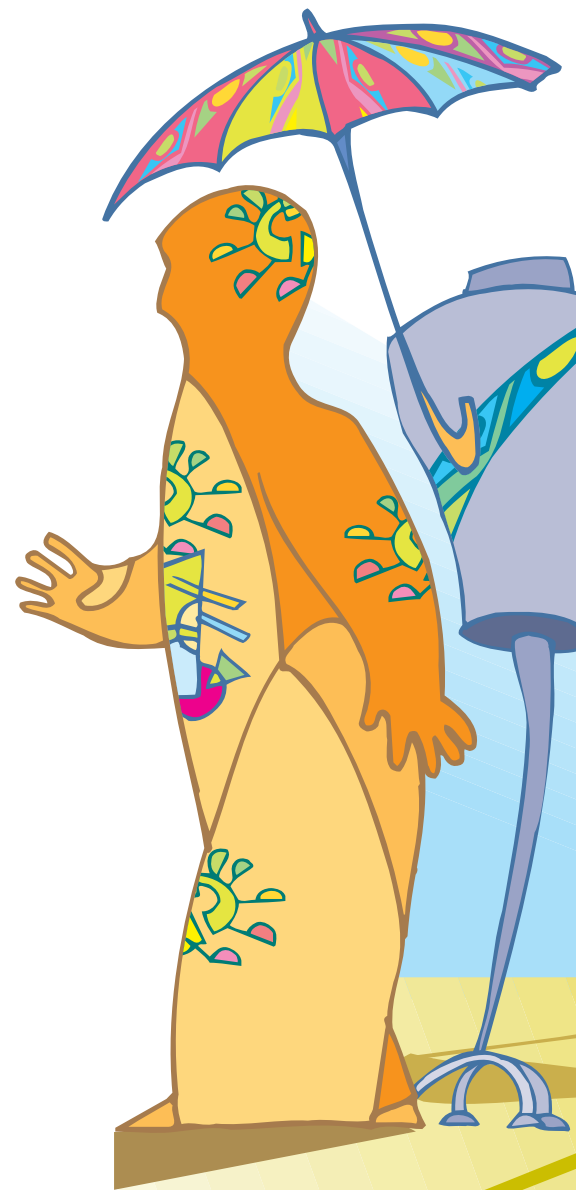
– Mas a vida assim é melhor – comentou ela sabiamente.

O terminal dos ônibus, local no qual fomos aconselhados a descer para chegar ao centro da cidade, localizava-se na área do bairro denominado Praia Grande, antigo ancoradouro dos tempos coloniais, protegido por canhões ainda vistos, embora um pouco enferrujados e sem uso, evidentemente.

Como a Praia Grande estava sofrendo as reformas previstas no projeto Reviver, estabelecido pelo Governo para preservar o ambiente colonial, o maranhense passou a chamar a área de Reviver. Abandonado o Reviver, escaladas as escadas, pois o centro é nos altos da cidade, partimos para o turismo. O programado era um recorrido a pé pelo centro de São Luiz com guia local, patrocinado pelo Governo, sem

custo algum para os visitantes, porque o maranhense tem orgulho de mostrar sua capital. Turismo puro, com um que de inocente, que, porém, cativa.

Vamos ou não vamos, a chuva vem ou não vem, meia dúzia de turistas estavam reunidos para decidir o que fazer. E decidiram da maneira mais inteligente, pois, se estavam em São Luiz para conhecê-la, porque ter medo de enfrentar uma chuva que existe em toda parte do mundo. Grupo reunido, pri-



meira parada e primeira pergunta. Uma reunindo várias, e uma resposta longa.

– Quando São Luiz foi fundada, por quem e a quem se deve o nome? Ao Santo ou ao Rei?

A guia, uma moça de voz agradável e paciência inesgotável, como devem ser todos os que trabalham com o turismo, passou a contar a história da cidade. Ficamos sabendo que São Luiz, dos luízes, reis ou santos, dos índios ou dos franceses, diz a história, se é verdade ou não é assim que é contada, foi fundada, em 1612, por franceses chegados do além-mar: *“Oceano terrível, mar imenso de vagas procelosas que se enrolam floridas rebentando em branca espu-*

*ma num pólo e noutro pólo.”* A vila recebeu o nome em homenagem a Luiz XIII, Rei da França, mas a presença francesa durou pouco.

O ano de 1615 já encontrou São Luiz dominada pelos portugueses, que, todavia, em 1641, não tiveram força para resistir à invasão dos holandeses. Três anos após, os portugueses retomaram a vila e nela se impuseram até 1823, quando uma armada, enviada por Dom Pedro I, debelou os últimos focos de resistência à independência do Brasil, já proclamada um ano antes. Esses povos europeus foram responsáveis pela mestiçagem demonstrada até hoje, pelos olhos claros de vários matizes encontrados com frequência. *“São uns olhos verdes, verdes, uns olhos de verde-mar. Quando o tempo vai bonança; uns olhos cor de esperança”*. Patrimônio da humanidade, berço de um povo guerreiro, descendente de franceses, portugueses, holandeses, timbiras e tupis, a cidade sofreu reformas para preservar as características dos tempos de colônia portuguesa. Meia morada, morada e morada inteira são as casas com uma porta, uma, duas ou três janelas. Casarões com beira simples, dupla ou tripla, conforme as posses dos proprietários, azulejos azuis e brancos, janelas características com mirantes para ver o mar e os navios

– Vamos andando – disse a guia.

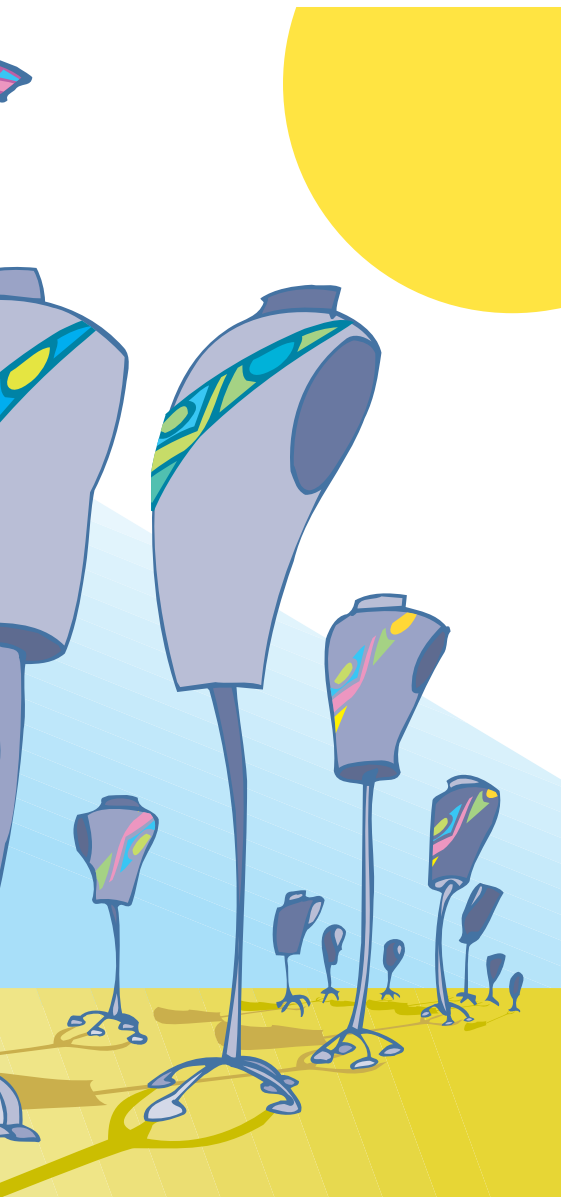
Antes de passar pelo Palácio dos Leões, onde a governança se estabeleceu, – prédio que em nada impressiona por estilo ou beleza –, a casa de Ana Jansen foi mostrada. Mulher corajosa, chefe política, dominadora da vida social. Alguns passos mais, ao descer a ladeira para visitar a Praia Grande, a nesga de azul do céu, que tentava em-

purrrar as nuvens, transformou-se no cinza que tomou conta do horizonte, a esperada, mas nem por isso desejada, chuva chegou, e chegou com vontade. Corremos para nos abrigar na Capitania dos Portos.

Já na Praia Grande convivíamos com a chuva que passou, não passou de todo, mas melhorou, chegando às vezes a ser muito fraca, até que mais tarde, quase no fim da caminhada, ela resolveu dar sossego. Assim, foi possível visitar a Casa do Maranhão, o Mercado das Artes, a Casa dos Artistas, que conservam a tradição do artesanato, da música, da dança e da Festa do Boi, com seus diferentes sotaques e com o Cazumbá para afastar os maus-olhados e os olhos gordos.

– Fora do Reviver, existe o Ceprama, que é no prédio de uma antiga fábrica, na qual vende-se artesanato. É longe para ir a pé, mas vale a pena conhecer – recomendou a guia.

Como já havíamos estado lá mais cedo, gostado e comprado, não demos maior atenção ao assunto. Já cansados e ainda molhados pela chuva que acabara de parar, subimos as escadas, novamente rumo ao centro. Percorremos igrejas, nenhuma com destaque especial, o teatro Artur Azevedo, mostrado orgulhosamente pela guia local, que acompanhou os visitantes, e também largos e praças. Em uma havia a estátua de corpo inteiro de Gonçalves Dias, que eu transformei em parceiro, cúmplice e comparsa sem informá-lo e sem autorização. *“Eu vi o brioso no largo terrestre... E a fé que vos digo: parece-me encanto”*. Um aspecto chamou nossa atenção. Nas praças, nos largos e nas ruas, a preocupação com o pedestre é grande. Quem estiver atravessando



por cima da faixa, especialmente dedicada para tal, pode caminhar tranquilamente. O tráfego pára! Parece Trafalgar Square, mas não é Londres, na Inglaterra, é São Luiz, no Maranhão.

Fim de tarde. *“Hora do pôr do sol! hora fagueira, qu’encerras tanto amor, tristeza tanta!”* Volta para o hotel.

Foi realmente uma ótima idéia voltarmos de ônibus. Outro fato aconteceu, o qual, depois, veio a se repetir diversas vezes, mostrando não ser uma exceção, mas a regra. Pessoas idosas têm direito, por lei e costumes, a viajar gratuitamente na parte fronteira do coletivo. Quando acompanhadas, e esse acompanhante não usufruir os mesmos direitos, a passagem deste deve ser paga. Com isso, somente uma passagem é paga e ambos os passageiros descem pela porta da frente, conseqüentemente sem passar pela roleta registradora do pagamento. O cobrador, entretanto, gira a roleta para registrar o pagamento da passagem. É uma honestidade que deveria ser costume, e não fato notado. Outro fato que também deveria ser costume e que depois vimos ser, algumas vezes, repetido sempre que necessário, foi o respeito com os mais velhos e com as mulheres por parte dos jovens, que na falta de lugares vazios se levantam e oferecem os seus.

Descida do coletivo, chegada ao hotel, subida para o apartamento. Depois do banho, e antes do jantar, o planejamento para o dia seguinte.

– Eu tenho vontade de ir aos Lençóis Maranhenses – disse minha mulher, dando início a uma conversa a qual o fim já estava decidido. Descemos para o jantar.

Sentado, já no meio de um delicioso prato de pescada amarela com arroz de cuxá – espécie de patê feito com

vinagreira, camarão seco, gergelim torrado e farinha seca, – iguaria maranhense de excelente sabor, declarei o que já estava estabelecido:

– Vamos aos Lençóis.

No outro dia, banho tomado, café terminado, sentados em um táxi ouvimos as explicações do motorista, do qual só se enxergava a cabeça com uns ralos fios de cabelos claros:

– Essas palmeiras que estão vendo é babaçu. Dela se extrai o óleo que por muito tempo foi valioso para o Maranhão. Agora, entretanto, seu valor diminuiu e existem muitas plantações abandonadas. Além dela, outras palmeiras que eu mostrarei no caminho são: a anajá, a carnaúba, o tucum, o buriti e a juçara, que no Sul é chamada de açai.

Lembrei-me do poeta: *“Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá”*. As palmeiras eu fui vendo, mas confesso que não os sabiás. A viagem foi seguindo. Finalmente, chegamos ao término dela. Barreirinhas é a cidade da qual se parte para conhecer os Lençóis. A condução para nos levar foi conseguida, uma caminhonete Toyota, que lembrou a condução de bóias frias em direção ao trabalho. Participamos de um verdadeiro rali dos sertões. O caminho até as dunas tem sacolejos à vontade. Tudo que se quiser levar tem que ser providenciado: água, gelo, comida, toalhas, roupa de banho, máquina fotográfica, e tudo necessariamente bem embalado em isopor, porque o caminho atravessa valas, algumas cheias de água, que podem atingir até os passageiros. O rio Preguiça é ultrapassado em uma balsa e depois disso o caminho é ladeado por uma vegetação rasteira e por algumas casas, a maioria de taipa e cobertas de sapé.

Finalmente, chegamos aos Lençóis, deserto único no globo onde se vai

passar, chove e não há camelos ou dromedários. A vista é linda. Dunas e lagoas. O contraste das águas azuis, violetas, verdes, em diferentes matizes, compõe com o branco das areias, assim como o sol com a água, o quente com o frio, o homem com a natureza. Sentado nas dunas, mirando as lagoas, vive-se a paz de escutar o silêncio e de sentir o agradável toque do vento na passagem da areia pelo rosto. Tudo é paz.

Mergulho, descanso, outro mergulho, caminhadas pelas dunas, e, finalmente, a decisão de voltar. A cansaça fez a volta mais longa, o caminhar pela areia com os pés descalços foi cansativo, pior com o sol a pino. Os solavancos na caminhonete pareceram mais fortes, o caminho mais longo, porém uma expressão de satisfação e prazer irradiava de nossos rostos.

– Você gostou? – perguntei à minha mulher.

– Valeu muita a pena. Acho que os Lençóis, assim como o Pantanal, é das regiões brasileiras que quem puder conhecer não deve perder a chance. Pena que o tempo foi curto.

*“Um velho Timbira, coberto de glória,*

*Guardou a memória*

*Do moço guerreiro, do velho Tupi!*

*E à noite, nas tabas, se alguém duvidava*

*Do que ele contava,*

*Dizia prudente: – “Meninos, eu vi!”*

Pois eu fui lá e vi também.

**Afonso Renato Meira**

*Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo*

# Abreugrafia

## Apogeu e Decadência

Mario de Mello Faro

No último dia 4 de janeiro de 2006, comemorou-se, mais uma vez, a passagem do Dia da Abreugrafia, data que coincide com o natalício do professor Manoel de Abreu (04.01.1892/30.01.1962).

Convivi com o Mestre em seus últimos anos de vida. Era inteligente, culto e versátil, tanto dentro da Medicina quanto em ambientes intelectualizados. Viveu e morreu fumando um cigarro atrás do outro; muitas vezes, acendendo no próprio, o próximo cigarro. Acabou falecendo com um câncer no pulmão.

Por volta de 1916, estagiando no serviço do professor Gilbert – no Hôtel Dieu, em Paris –, teve o mérito de conceber um processo radiológico inédito, que consistia basicamente na radiografia do *écran fluoroscópico*, com filmes de 35 mms e, posteriormente, de 70 mms. Inicialmente chamada de Roentgenfotografia e, em seguida, Abreugrafia, em sua homenagem. Estava descoberto um mecanismo de diagnóstico precoce da tuberculose pulmonar, eficiente e econômico.

Houve uma época em que utilizávamos a Abreugrafia em massa, como método de rastreamento da tuberculose pulmonar, principalmente no seu estado inicial, e, eventualmente, de outras moléstias assintomáticas que poderiam estar afetando os pulmões.

Na ocasião, milhares de Abreugrafias eram tiradas nos vários serviços de prevenção da tuberculose pulmonar. Cada dispensário de combate à enfermidade tinha o seu próprio aparelho de Abreugrafia, utilizado em larga escala.

Em determinada ocasião, também houve unidades móveis de Abreugrafia, as quais tinham, em seu bojo, aparelhos de raios X, que, montados em

veículos especiais, chegavam às fábricas ou às grandes aglomerações para abreugrafar os candidatos a um certificado de boa saúde. Até as crianças eram abreugrafadas, mesmo com os empecilhos decorrentes da movimentação delas – choro e dificuldade de manter a inspiração.

No entanto, as carteiras de saúde tinham como obrigação ser acompanhadas por um relatório do estado pulmonar, além do exame clínico geral.

Algumas empresas comerciais abusaram da obrigatoriedade da lei e passaram a executar Abreugrafias nem sempre de uma boa procedência e qualidade. Muitas vezes, eram considerados normais, pulmões que apresentavam pequenas lesões, principalmente de ápice, encobertas pelas clavículas.

Havia um comércio, não muito regular, em torno dessa exigência legal.

Com o passar do tempo, o método perdeu a sua importância, principalmente pelo elevado custo dos filmes, que passaram a ser fabricados em quantidades mínimas, até a extinção total.

Entre as manifestações de apreço ao professor Manoel de Abreu, foi instituído o Dia da Abreugrafia, em 4 de janeiro de 1958, por iniciativa do próprio autor desta mensagem, quando presidia a Associação Paulista de Moléstias Pulmonares, data a ser comemorada no dia do seu natalício, ou seja, 4 de janeiro de cada ano.

Por proposta do deputado doutor Leônidas Umburanas, foi apresentado à Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo a Lei n. 63, de 1964, que instituía oficialmente o Dia da Abreugrafia. Ainda nesta data, acontecia o Seminário Bra-

sileiro de Abreugrafia, analisando o uso e os resultados do método.

Também foi fundada a Sociedade Brasileira de Abreugrafia, tendo como patrono o próprio professor Manoel de Abreu, bem como foi instituído um prêmio com seu nome, a ser conferido aos especialistas que se destacassem na área, e a Revista Brasileira de Abreugrafia, que circulou de 1959 a 1970.

E, como última homenagem, foi fundado o Centro Acadêmico Manoel de Abreu, em 20 de maio de 1963, da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

Entretanto, o tempo se encarregou de colocar no esquecimento os acontecimentos ora citados, passando a constituir parte de sua memória.

É nosso dever lembrar nomes de companheiros que, na ocasião, prestigiaram as atividades ligadas à vida e obra do professor Manoel de Abreu.

Entre eles citamos, em ordem alfabética e com muito carinho e saudades – Argos Meirelles, Bernardo Rochwerger, Carlos Comenale, Carmo Friguglieti, Daud Abuchala, Edmundo Blundi, Geraldo Nogueira de Castro, Miguel Falcí, Mozart Tavares de Lima, Noel Nutels, Oscar Ugolini, Raphael de Paula Souza, Roberta Brandi, Sylvio Lemos do Amaral e William Homsí Elias.

Fui possuidor de um retrato autografado pelo professor Manoel de Abreu, bem como de livros de poesias e pensamentos, os quais, em tempo hábil, foram doados ao Museu de Medicina da Associação Paulista de Medicina.

Mario de Mello Faro  
Pneumologista

## Não quero a lua

Hudson Hübner França

Não quero ir à lua.  
 Não preciso de maiores aventuras  
 para viver bem  
 prefiro ver a lua branca  
 lá no alto  
 a ver a terra azul  
 aqui em baixo.

Prefiro esta varanda  
 de onde vejo a goiabeira  
 azaléia  
 alamanda  
 o rio com suas marolas  
 e a cor  
 que varia ao sabor  
 das nuvens e das horas.

Prefiro a rotina do meu dia  
 que nada tem de monotonia.  
 O cansaço ao fim da tarde  
 que me traz de volta à casa  
 a esta cadeira  
 livros  
 retratos  
 jornal  
 ao pequeno jardim-quintal  
 com flores, frutos,  
 o arrulho das pombas  
 a gritaria dos gansos  
 alegria dos passarinhos  
 e o barulho do vento  
 que balança sombras no chão.  
 Gosto deste lugar.  
 Da calma deste bairro,  
 das coisas e pessoas desta rua.  
 Gosto deste ambiente  
 que me basta  
 que me faz contente.

Não, não quero ir à lua,  
 decididamente.

## Ah! Esta falsa cultura!

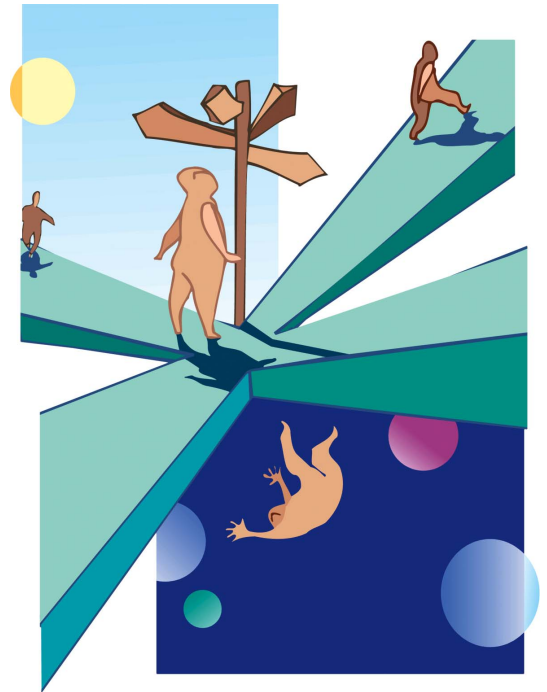
Oswaldo di Loreto

Recentemente, recebi um telefonema de minha filha Denise, a única das filhas a residir no mesmo bairro em que resido, o Brooklin Paulista. Ela telefonou para prestar-me uma gentileza: comunicar que se inaugurara, ali no bairro, uma locadora de livros.

Leitor incorrigível, logo me interessei, e reservei um horário livre, já na manhã seguinte, um sábado. Dispensei o carro, a pouco lonjura não justifica. Afinal, trata-se apenas de percorrer uma parte da península ibérica (Avenida Portugal) e cruzar três estados norte-americanos: Ruas Nova Iorque, Indiana e Califórnia.

Chegando, constato aqueles sinais típicos de lojas recém-instaladas: nenhum cliente, pouca mercadoria, balconistas solícitas demais. Uma senhora, com ares de proprietária, oferece-se para me orientar sobre títulos e autores. Declino dos ensinamentos e peço licença para dar um vistazo geral de olhos, antes de me decidir por alugar, ou não, algum livro.

A primeira prateleira tem a etiqueta: POLICIAIS. Cheia, pela metade, de inúmeros Sherlocks. A seguinte – com a etiqueta ROMANCES – está mais gorducha. Sigo em frente: RELIGIÃO, AUTO-AJUDA, ESPIRITISMO. A última prateleira vem debaixo de etiqueta inabitual em locadoras: CULINÁRIA. E tem somente dois livros de “culinária”: Receitas de Dona Benta e O Banquete, de Platão!



Oswaldo di Loreto  
 Médico psiquiatra

### DEPARTAMENTO CULTURAL

**Diretor:** Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

**Cinemateca:** Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

**Museu de História da Medicina:** Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

*O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.*